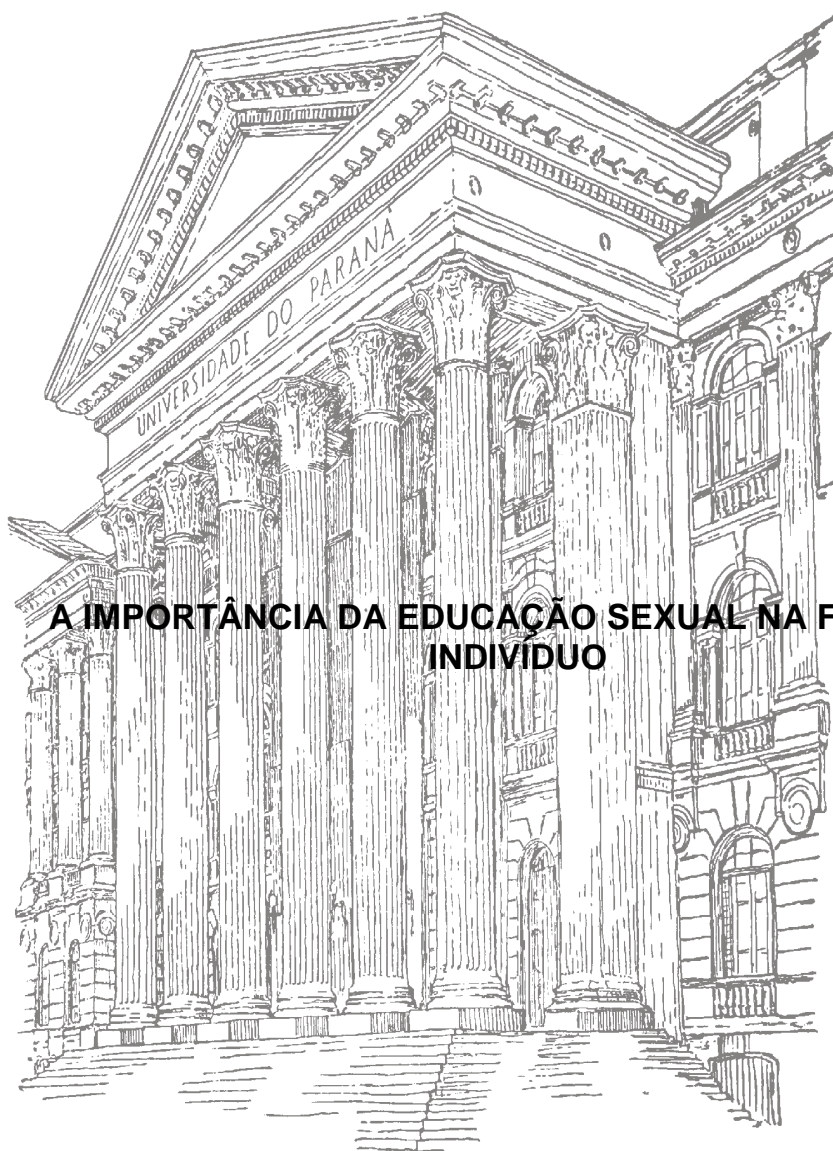


**CRISTIANO DE LOFIEGO**



**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO**

**CURITIBA**

**2007**

**CRISTIANO DE LOFIEGO**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DO  
INDIVÍDUO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Educação Física, no Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez

**CURITIBA**

**2007**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**CRISTIANO DE LOFIEGO**

### **A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:**

Orientador: Prof. Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez  
Departamento de Educação Física, UFPR

Profª Drª  
Departamento de Educação Física, UFPR

Prof. Dr.  
Departamento Ciências Sociais, UFPR

**Curitiba, \_\_\_\_\_ de 2007**

Você terá uma vida boa e segura quando você pagar aos homens e mulheres que ensinam seus filhos mais do que paga aos políticos. (Reich)

Dedico esta obra ao Tenente da Aeronáutica, Arlindo Lofiego, por ter se prestado à pátria com tanta grandeza quanto conduziu a sua família.

Agradeço única e exclusivamente a minha orientadora, Prof. Dra. Carmen por ter acreditado, confiado e me incentivado nesta monografia.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>VIII</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>4</b>
<b>AS ORIGENS DA MORAL SEXUAL .....</b>	<b>4</b>
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>8</b>
<b>ESCUTE, ZÉ NINGUÉM! .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>12</b>
<b>A FUNÇÃO DO ORGASMO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>16</b>
<b>CONCLUSÃO DOS ESTUDOS REICHINIANOS .....</b>	<b>16</b>
4.1 CARÁTER .....	17
4.2 A COURAÇA CARACTEROLÓGICA .....	17
4.3 A COURAÇA MUSCULAR .....	17
4.4 O CARÁTER GENITAL .....	18
4.5 BIOENERGIA .....	18
4.6 ENERGIA ORGÔNICA .....	19
4.7 CRESCIMENTO PSICOLÓGICO.....	20
4.8 OBSTÁCULOS AO CRESCIMENTO COURAÇA.....	20
4.9 REPRESSÃO SEXUAL .....	21
4.10 CORPO .....	21
4.11 INTELECTO .....	21
4.12 REICH - GÊNIO OU LOUCO? .....	22
<b>CAPÍTULO V.....</b>	<b>23</b>
<b>MARILENA CHAÚÍ – REPRESSÃO SEXUAL .....</b>	<b>23</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## RESUMO

Esta monografia está fundamentada nos estudos de um grande homem, com instrução acadêmica na área de medicina, e que, de todas as suas pesquisas na área da psicanálise, fundamento como pedra de alicerce, a questão da sexualidade, que com tanta sensibilidade foi objeto de pesquisa de Reich, ao ponto de se tornar foco de análise de seu instituto nomeado “Orgone”, por ser esse o nome da energia vital que, acaba tornando o homem como grande acumulador e ao mesmo tempo bloqueador dessa energia no próprio homem. Homem que tem como motivação para obstruir o desenvolvimento dessa energia, o impedimento do próprio conhecimento e amadurecimento do indivíduo, fazendo uma analogia a um animal castrado que perde, em seu instinto, o estímulo ao prazer fisiológico, submetendo-se assim a uma fácil submissão ao seu dominador. Reich fez um vasto e complexo estudo sobre a sexualidade humana, incluindo fatores históricos a esses estudos, nos remetendo à formação da sociedade patriarcal e capitalista, determinante para a regulamentação de nossa conduta sexual de hoje. Paralelamente a essa pesquisa sobre Reich, venho a complementar com um estudo de Marilena Chauí, exclusivamente em sua obra literária; *Repressão Sexual*, onde faz um mapeamento sobre as diversas manifestações sexuais na humanidade desde os seus primórdios, levando-se a entender qual foi o caminho traçado que nos fez chegar a esse comportamento sexual em nossa sociedade contemporânea.

## INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre todas as atividades corporais em suas inúmeras manifestações, quase sempre excluimos toda e qualquer referência no que diz respeito à sexualidade humana, mesmo sendo essa a manifestação importante e essencial do ser humano. Tragicamente na idade púbere onde deveríamos trabalhar intensamente esse assunto, já que é nessa fase que o indivíduo se defronta com suas necessidades sexuais, a sociedade que tem o papel de preparar o jovem para uma vida adulta, omite essas informações, ou pior ainda em alguns casos, transforma essas informações num conteúdo pernicioso e mentiroso, impedindo assim o desenvolvimento por completo do adolescente ao seu autoconhecimento.

Quando uma instituição, responsável por milhões de adeptos como a Igreja Católica, orienta os seus a não usarem preservativo em nome de Deus, acaba desencadeando um genocídio, já que impedem seus seguidores de se prevenirem de doenças como a aids, sem comentar outras diretrizes dessa instituição.

Essa orientação que deveria ser naturalmente transmitida ao jovem acaba se caracterizando como um “tabu”, inclusive para aqueles que se propõem, no papel de educadores, a ajudar no amadurecimento físico, cognitivo e emocional. Diante disso, para ajudar nesse processo de desenvolvimento, apresento o estudo de pessoas que se dedicaram à causa, sem nenhuma complacência com o molde religioso ou de

qualquer outra instituição que não esteja de acordo em se aprofundar num conhecimento puro e verdadeiro, com tentativas de manipulações intelectuais.

Na minha própria ânsia de responder a essas questões, a respeito da sexualidade, venho preparando esse material há alguns anos, na faculdade. E retransmitir esse conhecimento, não considero apenas minha obrigação, mas também me faz acreditar que posso ajudar a sociedade a se conhecer melhor e conseqüentemente, impedir o desenvolvimento de patologias sexuais. Já que tantas patologias são decorrentes de uma auto-repressão a uma atividade que deveria ser prazerosa, procuro colocar o leitor em contato direto com informação de qualidade e diversificada.

Para o meu curso de educação física, vejo a importância de concluir esse estudo para se divulgar um conteúdo praticamente ignorado, ao alcance do corpo docente e discente.

Colocar o homem diante do entendimento de si mesmo acredito, que seja como se deparar com uma imagem demasiadamente ofuscante, onde nem todos conseguem abrir os olhos para encará-la. Então, para quem está disposto a se enxergar para poder se conduzir, ao invés de se deixar ser conduzido como uma criança pela vida adulta, tenho aqui uma pequena obra em forma de revisão bibliográfica.

Uma revisão bibliográfica sobre algumas publicações de Reich, a respeito de seus estudos sobre nossa formação moral à respeito da sexualidade e de que forma conduzimos essa moral, bem como o conteúdo da obra de Marilena Chauí; *Repressão Sexual*. Então, a cada capítulo, eu me refiro a uma obra literária.

Como metodologia, procurei abordar cada item relevante sobre os conceitos e valores que a sociedade, da qual eu me incluo, tem a respeito de sua própria sexualidade, com citações de dois grandes estudiosos do assunto, com o embasamento científico de um psicanalista e uma filósofa.

## **CAPÍTULO I**

### **AS ORIGENS DA MORAL SEXUAL**

O livro, *As Origens Da Moral Sexual*, de Reich, inicia fazendo uma comparação de nossos valores repassados a nossas crianças (num caráter cristão e ocidental) com indivíduos de sociedades tribais da Melanésia, pelo antropólogo Bronislaw Malinowski.

Ali são comparados os processos educacionais de uma sociedade que não valoriza um indivíduo de acordo com sua posse de valores materiais e nem possui uma visão patriarcal onde o homem determina regras, simplesmente por ser mais forte fisicamente, como a nossa sociedade. Aproveito o assunto de comparação entre essas duas sociedades, conhecidas como primitiva e desenvolvida, forma esta que conhecemos até hoje quando se compara a sociedade do velho mundo com a do novíssimo, para determinar com austera propriedade, por ter ascendência das etnias em questão; indígena e européia. O que se chama de primitiva eu chamo de aprimorada; pois identifico uma sociedade que é capaz de viver em comunhão com seus semelhantes e seu meio ambiente sem destruí-los, de acordo com os conceitos que possuem, onde o homem não é dono da terra, e sim ao contrário, o homem que pertence a ela como um filho pertence a sua progenitora, e muito menos um indivíduo pertence ao outro, mesmo que pelas idéias, o que tanto se caracteriza no mundo moderno ocidental, principalmente pela religião. E entendo como “sociedade

desenvolvida” como esta que está presente, reinante num efêmero castelo de idéias de baralhos que depende, tão certamente quanto a sua arrogância, apenas de uma questão de tempo para destruir toda a complexidade de criação da natureza, para impor toda a sua própria criação fracassada do que é padronizado, e por conseqüência, perecer em si, como tudo que é efêmero e obsoleto.

Através de outro pesquisador, Reich adiciona a sua pesquisa, elementos de estudo que identificam a forma como encaramos a nossa sexualidade, de maneira egoísta e repressora e afirma que:

Em regimes ditatoriais, a repressão autoritária da criança serve para produzir uma estrutura convenientemente submissiva em conformidade com a organização da sociedade em geral e que se reproduz constantemente na criança.”(REICH,1988, p4.)

Reich observa que a família acaba sendo a “fábrica ideológica” desses valores, e no caso de uma família com moral repressora e castradora; impossibilita a plena passagem da infância para a fase adulta, pois a falta de conhecimento da criança sobre a sua própria sexualidade não permite passar para a maturidade e criando inclusive transgressões, como o estupro e perversões para o indivíduo que acaba associando o que deveria ser prazeroso a frustração.

Apesar do fato, de ser já na primeira infância, que se caracteriza essa “castração sexual”, é na idade púbere que identificamos uma maior complicação do indivíduo em desenvolver seu caráter sexual e por vezes afetivo, pois é justamente nesta fase que se espera uma definição desse caráter e exemplifico bem nas palavras do próprio pesquisador, todo esse mecanismo:

De início era apenas evidente que por qualquer razão a sociedade autoritária estava interessada na instituição do casamento compulsivo. Esta instituição promulgava a

proteção social da mulher, que não tinha quaisquer direitos, e das crianças: estabelecia e salvaguardava economicamente o direito de herança por linha paterna, e para além disso constituía a espinha dorsal da fábrica ideológica autoritária, a família patriarcal – sendo essa a sua função numa sociedade reacionária. Este fato não explica no entanto a exigência do ascetismo. Por que não há de a juventude viver de acordo com as suas necessidades bioenergéticas, desde que mais tarde, no casamento, ceda às exigências do patriarcado? A resposta foi sugerida pela clínica econômico-sexual: as pessoas que alcançam um desenvolvimento total das suas necessidades genitais, seja por um golpe de sorte especial através de uma cura, tornam-se incapazes de se conformar com a exigência monogâmica – um só companheiro para toda a vida. (REICH, 1988, p. 80)

O autor lembra que, se estabelecermos uma comparação entre as mulheres casadas, sexualmente atrofiadas e por isso couraçadas, que toleram a moral com a relativa facilidade, e os homens sexualmente atrofiados se acomodam à monogamia, verificamos que:

- 1 o enfraquecimento da sexualidade genital torna os homens e as mulheres aptos para o casamento;
- 2 o desenvolvimento pleno da genitália graças a uma vida sexual satisfatória antes do casamento não destrói a possibilidade da monogamia com uma certa duração, mas destrói a capacidade monogâmica para toda a vida.

A finalidade social das exigências de ascetismo para a juventude e da repressão sexual na primeira infância é, se analisarmos objetivamente e sem racionalizações subjetivas, a de assegurar a capacidade do homem para o casamento compulsório e para a vida toda. Isto está expresso abertamente em muitas publicações da igreja e de moralistas francamente reacionários.

Por isto REICH (1988, p. 80-81) afirma:

Não entraremos aqui em detalhes no que diz respeito às contradições resultantes da instituição do casamento, mas acentuaremos o seguinte fato: o poder privado e o poder do Estado têm um interesse adquirido na instituição do casamento compulsório; este por seu turno exige como condição da sua existência a aplicação estrita do ascetismo infantil e adolescente. Esta é a verdadeira razão da exigência do ascetismo e não a que defendem os investigadores mal informados sobre a sexualidade, as condições culturais. Não foi difícil demonstrar clinicamente, em oposição à afirmação insistente e monótona de que a relação sexual púbere tem um efeito nocivo sobre a saúde, que na prática esta exigência não é respeitada, e que o tão polêmico onanismo provoca muito mais danos do que as relações sexuais púberes poderiam fazer. São os sentimentos de culpa e a ansiedade sexual que impedem o adolescente de viver sua vida genital. Tornando-se impotente, incapaz de atingir a satisfação, e por fim têm como consequência a renúncia a qualquer exigência sexual, pelo menos no que diz respeito à sua vida consciente. Com o correr do tempo, cerca de sessenta por cento dos homens e noventa por cento das mulheres ficam a sofrer de doenças nervosas e sexuais. É evidente que este não é o resultado pretendido pela regulação sexual, mas ele é inerente ao sistema, sistema esse que encontra os seus defensores entre muitos sexólogos. A pesquisa psicanalítica sobre a juventude tem também agora, incorrido neste erro, apesar dos fatos serem tão claros.

As Estatísticas compiladas por Barasch, em Moscovo, sobre a relação entre fidelidade conjugal e a idade das primeiras relações sexuais, confirmam o que foi afirmado: início da vida sexual genital depois dos vinte e um anos, apenas dezesseis vírgula dois por cento de infidelidade; início da vida sexual genital entre os dezessete e os vinte e um anos, quarenta e sete vírgula seis por cento de infidelidade; e finalmente, início da vida sexual genital antes dos dezessete anos, sessenta e um vírgula seis por cento de infidelidade conjugal.

## **CAPÍTULO II**

### **ESCUTE, ZÉ NINGUÉM!**

ESCUTE, ZÉ NINGUÉM! É um documento humano, não científico de Wilhelm Reich. Foi escrito no verão de 1946 para os Arquivos do Orgone Institute. Naquela época não havia nenhuma intenção de publicá-lo. Ele reflete o conflito interior de um médico cientista que havia observado o zé ninguém por muitos anos, vendo, a princípio com espanto e depois com horror, o que ele faz a si mesmo: como sofre, como se rebela, como valoriza seus inimigos e mata seus amigos; como sempre que adquire poder em nome do povo, utiliza-o mal e transforma-o em algo mais cruel do que a tirania que sofrera anteriormente, nas mãos sádicas da classe dominante.

Este apelo não pretende ser encarado como um guia para a vida. Ele descreve as tempestades emocionais de um indivíduo que ama a vida. Não se propõe a convencer pessoas ou conquistar adeptos. Retrata a experiência como um quadro retrata uma tempestade. Não procura despertar a simpatia do leitor. Não formula programa algum. O cientista e pensador só pede uma coisa ao leitor: expressar uma reação pessoal como aquela que poetas e filósofos sempre puderam ter. Trata-se do protesto de um cientista trabalhador contra o desígnio secreto, inconfesso, da peste emocional de destruí-lo com flechas envenenadas atiradas de um esconderijo seguro. Ele mostra o que a peste emocional é, como funciona e como impede o progresso. É também uma profissão de fé nos imensos tesouros que

jazem inexplorados nas profundezas da “natureza humana”, prontos para serem utilizados para a realização das esperanças humanas.

Você permite que os poderosos exijam poder para o zé-ninguém. Mas você mesmo se cala. Você confere mais poder aos poderosos, ou escolhe homens fracos e maus para representá-lo. E descobre tarde demais que você é sempre enganado.

Eu compreendo você. Porque repetidas vezes o vi nu de corpo e alma, sem máscara, sem rótulo político ou orgulho nacional. Nu como um recém-nascido; nu como um marechal de cuecas. Eu o vi chorar e se lamentar; você me contou seus problemas e revelou seu amor e seus anseios. Eu o conheço e o compreendo. Vou lhe dizer o que você é, zé-ninguém, porque realmente acredito no seu grande futuro. Como o futuro indubitavelmente pertence a você, olhe para si mesmo.

Pois você é o povo, a opinião pública, a consciência social. Algum dia você parou para pensar na enorme responsabilidade que isso implica zé-ninguém? Algum dia você se perguntou (diga a verdade agora!) se, da perspectiva do desenvolvimento social a longo prazo, da natureza ou de grandes realizações humanas – a de Jesus, por exemplo – seu pensamento está certo ou errado? Não, você nunca se pergunta se seu pensamento está certo ou errado. Você se pergunta o que os vizinhos dirão ou se, caso você aja acertadamente, isso lhe custará dinheiro. É isso que você se pergunta, zé-ninguém; isso e nada mais!

É esse tipo de baboseira que você diz, zé-ninguém. E, com essas baboseiras, você monta gangues armadas que matam dez milhões de pessoas por serem judias, embora você não consiga sequer me dizer o que é um judeu. É por isso que riem de você; é por isso que qualquer um com algo sério a realizar o evita.

É por isso que você está afundado no atoleiro até o pescoço. Chamar alguém de judeu o faz sentir superior. Faz você se sentir superior porque você se sente inferior. Você se sente inferior porque você mesmo é aquilo que quer eliminar nas pessoas que chama de judeus. Essa é apenas uma amostra da verdade a seu respeito, zé-ninguém.

Você terá uma vida boa e segura quando estar vivo significar mais para você do que a segurança, o amor mais que o dinheiro, sua liberdade mais do que a opinião pública ou do partido; quando o sentimento presente na música de Beethoven ou de Bach passar a ser o sentimento da sua vida inteira – você tem isso, está em você, zé-ninguém, em algum canto bem no fundo do seu ser; quando seu pensamento estiver em harmonia, não mais em conflito, com seus sentimentos; quando você tiver aprendido a reconhecer duas coisas na devida hora: seus dons e a chegada da velhice; quando você se deixar guiar pelos pensamentos dos grandes sábios e não mais pelos crimes dos grandes guerreiros; quando você deixar de dar mais importância a uma certidão de casamento do que ao amor entre homem e mulher; quando aprender a reconhecer seus erros prontamente e não tarde demais, como faz hoje; quando você pagar aos homens e mulheres que ensinam seus filhos mais do que paga aos políticos; quando as verdades o inspirarem e as fórmulas vazias lhe causarem repulsa; quando você se comunicar com seus companheiros trabalhadores de outros países diretamente, não mais através de diplomatas; quando, em vez de enfurecê-lo como ocorre hoje, a felicidade no amor da sua filha adolescente fizer seu coração encher de júbilo; quando você puder apenas abanar a cabeça ao se lembrar dos tempos em que as crianças pequenas eram punidas por tocarem nos próprios órgãos sexuais; quando os rostos humanos que você vir na rua

não estiverem mais marcados pela dor e aflição, mas radiantes de liberdade, vitalidade e serenidade; quando os corpos humanos pararem de caminhar por esta terra com pelvis rígidas e retraídas e órgãos sexuais congelados.

## **CAPÍTULO III**

### **A FUNÇÃO DO ORGASMO**

Para Reich, nessa obra; A Função Do Orgasmo ( 1942) o tema “sexualidade” atravessa realmente todos os campos científicos da pesquisa. No fenômeno central, o orgasmo sexual, deparamos com questões derivadas do campo da psicologia tanto quanto do campo da fisiologia, do campo da biologia não menos que da sociologia. De acordo com a visão corrente da vida, sexualidade é um termo ofensivo. É muito melhor tentar negar completamente a sua importância para a vida humana. Será necessário, sem dúvida, o trabalho de muitas gerações antes que a sexualidade seja levada a sério pela ciência oficial e pelos leigos; não o será provavelmente antes que as questões sociais de vida e de morte atirem sobre nós a absoluta necessidade de compreender e de dominar o processo sexual, livre de repressões sociais.

Uma dessas questões é o câncer; outra é a chaga psíquica que dá origem às ditaduras.

A saúde psíquica depende da potência orgástrica, do ponto até o qual o indivíduo pode entregar-se, e pode experimentar o clímax de excitação no ato sexual natural. Baseia-se na atitude de cunho não neurótico da capacidade natural de amar. No caso da impotência orgástica, de que sofre a maioria, ocorre um bloqueio

de energia biológica, e esse bloqueio se torna a fonte das irritações irracionais. A condição essencial para curar perturbações psíquicas é o restabelecimento da capacidade natural de amar. Depende tanto de condições sociais quanto de condições psíquicas.

As enfermidades psíquicas são a conseqüência do caos sexual da sociedade. Durante milhares de anos, esse caos tem tido a função de sujeitar psiquicamente o homem às condições dominantes de existência e de interiorizar a dinâmica externa da vida. Tem ajudado a efetuar a ancoragem psíquica de uma civilização mecanizada e autoritária, tornando o homem incapaz de agir independentemente.

As energias vitais regulam-se a si mesmo naturalmente, sem qualquer obrigação compulsiva ou moralidade compulsiva – ambas, sinais certos da existência de impulsos anti-sociais. As ações anti-sociais são a expressão de impulsos secundários. Esses impulsos são produzidos pela supressão da vida natural, e estão em contradição com a sexualidade natural.

Os indivíduos criados com uma atitude negativa diante da vida e do sexo contraem uma ânsia de prazer, fisiologicamente apoiada em espasmos musculares crônicos. Essa ânsia neurótica de prazer é a base na qual certas concepções de vida, negadoras da vida e produtoras de ditadores, são reproduzidas pelos próprios povos. É a própria essência do medo de um modo de vida independente, orientado pela liberdade. Esse medo se torna a mais significativa fonte de força para qualquer forma de reação política, e para a sujeição da maioria dos homens e mulheres que trabalham a indivíduos ou grupos. É um medo biofisiológico, e constitui o problema central do campo psicossomático de investigação. Tem sido até hoje o maior

empecilho para uma investigação das funções vitais involuntárias, que um neurótico pode experimentar apenas de um modo misterioso e assustador.

A estrutura do caráter do homem moderno, que reflete uma cultura patriarcal e autoritária de seis mil anos, é tipificada por um encorajamento do caráter contra a sua própria natureza interior e contra a miséria social que o rodeia. Essa couraça do caráter é a base do isolamento, da indigência, do desejo de autoridade, do medo à responsabilidade, do anseio místico, da miséria sexual e da revolta neuroticamente impotente, assim como de uma condescendência patológica. O homem alienou-se a si mesmo da vida, e cresceu hostil a ela. Essa alienação não é de origem biológica, mas sócio-econômica. Não se encontra nos estágios da história humana anteriores ao desenvolvimento do patriarcado.

O prazer natural do trabalho e da atividade tem sido substituído pelo dever compulsivo. A estrutura média da maioria das pessoas transformou-se em uma estrutura marcada pela impotência e pelo medo à vida. Essa estrutura distorcida não apenas constitui a base psicológica das ditaduras partidárias: torna possível a essas ditaduras o justificar-se evidenciando certas atitudes humanas como a irresponsabilidade e a infantilidade.

A formação das massas no sentido de serem cegamente obedientes à autoridade se deve não ao amor parental mas à autoridade da família. A supressão da sexualidade nas crianças pequenas e nos adolescentes é a principal maneira de conseguir essa obediência.

Natureza e cultura, instinto e moralidade, sexualidade e realização se tornam incompatíveis, como resultado da cisão na estrutura humana. A unidade e congruência de cultura e natureza, trabalho e amor, moralidade e sexualidade – desejada desde os tempos imemoriais – continuará a ser um sonho enquanto o homem continuar a condenar a exigência biológica da satisfação sexual natural (orgástica).

## **CAPÍTULO IV**

### **CONCLUSÃO DOS ESTUDOS REICHINIANOS**

Reich dava grande ênfase à importância de desenvolver uma livre expressão de sentimentos sexuais e emocionais dentro do relacionamento amoroso maduro. Interessou-se muito pela sexualidade humana. Quando era jovem estudante de medicina, Reich visitou Freud pela primeira vez para procurar ajuda a fim de organizar um seminário sobre sexologia na escola médica que ele freqüentava (HIGGENS e RAPHAEL, 1967). Além disso, a principal atividade política de Reich consistia em ajudar a fundar clínicas de higiene sexual patrocinadas pelos comunistas para a classe trabalhadora, na Alemanha e na Áustria.

As idéias de Reich e suas clínicas eram muito controvertidas para a época e seu programa para as clínicas de orientação sexual incluía características modernas ainda hoje.

Entre seus tópicos destacavam-se:

- Livre distribuição de anticoncepcionais para qualquer pessoa e educação intensiva para o controle da natalidade.
- Completa abolição das proibições com relação ao aborto.
- Abolição da distinção legal entre casados e não-casados; liberdade de divórcio.

- Eliminação de doenças venéreas e prevenção de problemas sexuais através da educação sexual.
- Treinamento de médicos e professores etc., em todas as questões relevantes da higiene sexual.
- Tratamento, ao invés de punição, para agressões sexuais.

#### **4.1 Caráter**

De acordo com Reich, o caráter é composto das atitudes habituais de uma pessoa e de seu padrão consistente de respostas para várias situações. Inclui atitudes e valores conscientes, estilo de comportamento (timidez, agressividade e assim por diante) e atitudes físicas (postura, hábitos de manutenção e movimento do corpo).

#### **4.2 A couraça Caracterológica**

Reich se esforçou continuamente para tornar seus pacientes mais conscientes de seus traços neuróticos de caráter. Ele imitava com frequência suas características, gestos ou posturas, ou fazia com que seus pacientes repetissem ou exagerassem uma faceta habitual do comportamento, por exemplo, um sorriso nervoso. À medida que os pacientes cessavam de tomar como certa sua constituição de caráter, aumentava sua motivação para mudar.

#### **4.3 A Couraça Muscular**

Em seu trabalho sobre couraça muscular, Reich descobriu que tensões musculares crônicas servem para bloquear uma das três excitações biológicas:

ansiedade, raiva ou excitação sexual. Ele concluiu que a couraça física e a psicológica eram essencialmente a mesma coisa. Com esse raciocínio, as couraças de caráter eram vistas agora como equivalentes a hipertonia muscular.

#### **4.4 O Caráter Genital**

Depois da terapia reichiana, muitos pacientes que antes eram neuroticamente promíscuos, desenvolviam grande ternura e sensibilidade e procuraram, de forma espontânea, relacionamentos muito mais duráveis e realizadores. Os (as) pacientes cujos casamentos eram estéreis e sem amor, descobriram na terapia reichiana que já não poderiam mais ter relações sexuais por um mero senso de obrigação.

Os caracteres genitais não estão aprisionados em suas couraças e defesas psicológicas. Eles são capazes de se encorajar, quando necessário, contra um ambiente hostil. Entretanto, sua couraça é feita mais ou menos conscientemente e pode ser dissolvida quando não houver mais necessidade dela.

#### **4.5 Bioenergia**

Depois do contato físico, a energia se acumula em ambos os corpos e, por fim, é descarregada no orgasmo, o qual se constitui essencialmente num fenômeno de descarga da bioenergia. O ato sexual teria a seguinte seqüência:

- Órgãos sexuais se intumescem de fluído - tensão mecânica.
- Resulta uma intensa excitação - carga bioenergética.
- Excitação sexual descarregada em contrações musculares - descarga bioenergética.

- Segue-se um relaxamento físico - relaxamento mecânico.

#### **4.6 Energia Orgônica**

Ele acreditava que a bioenergia no organismo individual não é nada mais do que um aspecto de uma energia universal, presente em todas as coisas. Ele derivou o termo energia “orgônica” a partir de organismo e orgasmo. Dizia que a energia orgônica cósmica funciona no organismo vivo como energia biológica específica. Assim sendo, governa o organismo total e se expressa nas emoções e nos movimentos puramente biofísicos dos órgãos.

Segundo Reich, a energia orgônica teria as seguintes propriedades principais:

- É livre de massa; não tem inércia nem peso.
- Está presente em qualquer parte, embora em concentrações diferentes, até mesmo no vácuo.
- É um meio para atividade eletromagnética e gravitacional, o substrato da maioria dos fenômenos naturais básicos.
- Está em constante movimento e pode ser observada sobre condições apropriadas.
- Altas concentrações de energia orgônica atraem energia orgônica de ambientes menos concentrados.
- Forma unidades que se tornam o centro da atividade criativa. Estas incluem células, plantas e animais, e também nuvens, planetas, estrelas e galáxias.

#### **4.7 Crescimento Psicológico**

Reich achava que a couraça muscular está organizada em sete principais segmentos de armadura que são compostos de músculos e órgãos com funções expressivas relacionadas. Esses segmentos formam uma série de sete anéis mais ou menos horizontais, em ângulos retos com a espinha e o torso. Os principais segmentos da couraça estão centrados nos olhos, boca, pescoço, tórax, diafragma, abdome e pelve.

Três instrumentos principais são usados para dissolver a couraça:

- Armazenamento de energia no corpo por meio de respiração profunda.
- Ataque direto dos músculos cronicamente tensos (por meio de pressão, beliscos e assim por diante) a fim de soltá-los.
- Manutenção da cooperação do paciente lidando abertamente com quaisquer resistências ou restrições que emergem.

#### **4.8 Obstáculos ao crescimento couraça**

A couraça é o maior obstáculo ao crescimento segundo Reich. O indivíduo encouraçado seria incapaz de dissolver sua couraça e, portanto, seria incapaz de expressar as emoções biológicas primitivas. Ele conhece a sensação de agrado mais não aquela de prazer orgônico. Ele não pode emitir um suspiro de prazer e, se tentar, irá produzir um gemido, um berro reprimido ou um impulso para vomitar. Ele é incapaz de deixar sair um grito de raiva ou imitar um punho atingindo o colchão com raiva.

#### **4.9 Repressão Sexual**

Outro obstáculo ao crescimento é a repressão social e cultural dos instintos naturais e da sexualidade do indivíduo. Reich sentia que esta era a maior fonte de neuroses e que ela ocorre durante as três principais fases da vida, ou seja, durante a primeira infância, puberdade e idade adulta.

A couraça serve para nos desligar de nossa natureza interna e também da miséria social que nos circunda. Natureza e cultura, instinto e moralidade, sexualidade e realização são elementos que se tornam incompatíveis. A unidade e congruência de cultura e natureza, trabalho e amor, moralidade e sexualidade, unidade esta desejada desde tempos imemoriais, continuará a ser um sonho enquanto o homem continuar a condenar a exigência biológica de satisfação sexual natural (orgástica).

#### **4.10 Corpo**

Reich, como a grande maioria dos autores modernos, via mente e corpo como uma só unidade.

#### **4.11 Intelecto**

Reich se opunha a qualquer separação de intelecto, emoções e corpo. Ele afirmava que o intelecto é, na verdade, uma função biológica, e que ele pode ter uma carga afetiva tão forte quanto qualquer emoção.

#### **4.12 REICH - Gênio ou Louco?**

Pioneiro da revolução sexual, precursor dos movimentos ecológicos e da psiquiatria biossocial, Reich desenvolveu também artefatos usados na cura do câncer e na diminuição dos efeitos negativos da energia nuclear. Ele reivindicou a função da sexualidade não como uma mera realização do coito, mas como a fusão com outro. A vivência plena do amor e da sexualidade era vista por ele como fator indispensável para satisfação emocional. Sua mais importante contribuição foi provar que a neurose é produzida socialmente, instalando-se em todo o corpo e não apenas na mente.

Wilhelm Reich foi expulso da sociedade psicanalítica por divergências teóricas e ligações com a política; e também do partido comunista por suas denúncias contra o autoritarismo reinante. Perseguido pelo nazismo, após percorrer vários países europeus, se instala nos Estados Unidos, onde passa a pesquisar fenômenos climáticos, caixas de acumulação de orgônio, etc. Em 1956, Reich é detido por se recusar a comparecer ao tribunal para comprovar os efeitos terapêuticos dos acumuladores. Um ano após sua prisão, Reich morre na cadeia deixando um legado para as gerações futuras que ainda se surpreendem com sua originalidade e rebeldia.

## **CAPÍTULO V**

### **MARILENA CHAÚÍ – REPRESSÃO SEXUAL**

Segundo a autora, na obra; *Repressão Sexual* (1987) podemos dizer que o fenômeno ou o fato da repressão sexual é tão antigo quanto a vida humana em sociedade, mas que o conceito de repressão sexual é bastante recente, isto é, que a reflexão sobre as origens, as formas e os sentidos desse fato, seu estudo explícito, datam do século XIX. Em outras palavras, as práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiqüíssimas, porém o estudo do seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente, não sendo casual que os dicionários registrem como tardio o surgimento da palavra sexualidade, momento em que o termo sexo passa a ter um sentido muito alargado, especialmente quando os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidade (física, biológica), prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização). Esse alargamento fez com que o sexo deixasse de ser encarado apenas como função natural de reprodução da espécie, como fonte de prazer ou desprazer (como realização ou pecado), para ser encarado como um fenômeno mais global que envolve nossa existência como um todo, dando sentidos inesperados e ignorados a gestos, palavras, afetos, sonhos, humor, erros, esquecimentos, tristezas, atividades sociais (como o trabalho, a religião, a arte, a política) que, à primeira vista, nada têm de sexual.

A repressão sexual não é apenas uma imposição exterior que despenca sobre nós, mas também um fenômeno sutil de interiorização das proibições e interdições externas (e conseqüentemente, também das permissões) que se convertem em proibições e interdições (e permissões) internas vividas por nós sob a forma do desagrado, da inconveniência, da vergonha (pois reprimir, como vimos, também significa vexar, envergonhar), do sofrimento e da dor (e dos sentimentos contrários a estes, no caso da obediência ao permitido). Nossos sentimentos poderão ser disfarçados, ocultados ou dissimulados desde que percebidos ou sentidos como incompatíveis com as normas, os valores e as regras da nossa sociedade. Costuma-se dizer que a repressão perfeita é aquela que já não é sentida como tal, isto é, aquela que se realiza como auto-repressão, graças a interiorização dos códigos de permissão, proibição e punição de nossa sociedade.

De acordo com o estudo realizado pela autora, ao analisar o fruto de pesquisa de Freud, ela chega a uma definição em sua obra que, instinto e sexualidade são duas coisas distintas. Assim, o Dicionário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis, considera que a sexualidade não se confunde com um instinto sexual porque um instinto é comportamento fixo e pré-formado, característico de uma espécie, enquanto a sexualidade se caracteriza por grande plasticidade, invenção e relação com a história pessoal de cada um de nós. Nesse dicionário, a sexualidade não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e atividades presente desde a infância, que proporcionam prazer irreduzível a alguma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, excreção) e que se encontram presentes como componentes da chamada forma normal do amor sexual.

A sexualidade não se confunde com um instinto, nem com um objeto (parceiro), nem com um objetivo (união dos órgãos genitais no coito). Ela é poliforma, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo. Não se reduz aos órgãos genitais (ainda que estes possam ser privilegiados na sexualidade adulta) porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investido de erotismo na vida de alguém, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união da genital.

É preciso admitir que a repressão sexual nos coloca diante da quebra da simples naturalidade biológica animal do sexo e de sua passagem à existência como fenômeno cultural ou histórico. Como escreveu o escritor Bataille, o sexo, nos homens é erotismo e este é impossível sem as interdições e as transgressões.

Entre alguns cuidados teóricos preliminares ao tratar do tema da repressão sexual está o de lembrar em que contexto sua discussão começou, no século retrasado, em alguns países europeus.

O sexo, que até então era responsabilidade de teólogos, confessores, moralistas, juristas e artistas, foi deixando de pertencer exclusivamente ao campo religioso, moral, jurídico e artístico e de concernir apenas às exigências da vida amorosa (conjugal e extra-conjugal) para começar a ser tratada como problema clínico e de saúde. Ou seja, passou a ser estudado e investigado num contexto médico-científico preocupado em classificar todos os casos de patologia física e psíquica, em estudar as doenças venéreas, os desvios e as anomalias, tanto com finalidade higiênica ou profilática quanto com a finalidade de normalização de condutas tidas como desviantes ou anormais. O interesse maior volta-se para o

estudo das “aberrações sexuais”, de um lado, e para o incentivo pedagógico e terapêutico das formas “normais”, de outro lado.

Michel Foucault observa que em quase todas as culturas existe uma arte erótica (*ars erótica*), isto é, formas de iniciação ao prazer e à satisfação sexual (como por exemplo, o *Kama Sutra* ou a arte amorosa japonesa). Em contrapartida, nossa cultura – cristã, européia, ocidental – deu origem a algo insólito: uma ciência sexual (*scientia sexualis*), curiosidade e vontade de tudo saber sobre o sexo para melhor controlá-lo. Foucault considera que a passagem do contexto religioso para o científico não alterou profundamente a atitude ocidental face ao sexo, pois tanto num caso como no outro, o sexo é aquilo que se deve falar e falar muito, com detalhes, com minúcia, classificatoriamente. Se, no contexto moral, fala-se para que seja estabelecida a fronteira entre o lícito e o ilícito, e no contexto religioso para a demarcação dos limites entre o pecaminoso e o não pecaminoso, no contexto científico, onde parecem desaparecer os juízos de valor e as condenações, fala-se para que o sexo possa ser administrado. Pertence ao campo da saúde pública. Nessa perspectiva, teremos de admitir que a mudança não significou um avanço da liberação sexual ou uma diminuição da repressão, mas a passagem a outras formas repressivas que servem ao propósito da “normalização”.

Sob vários aspectos, a ambigüidade dos estudos da sexualidade decorre do fato de, em lugar de desvendar e tentar diminuir o peso da repressão imposta no decorrer dos séculos (no ocidente cristão), acaba por reforçá-la ou deslocá-la (por exemplo, ao deixar o médico o que antes cabia ao teólogo).

Há uma espécie de círculo vicioso: uma sociedade repressora e uma moral conservadora acarretam segredo e clandestinidade de inúmeras práticas sexuais

que, por seu turno, provocam tantos distúrbios físicos (a sífilis, por exemplo) quanto psíquicos (a culpa, por exemplo) que a perspectiva médico-profilático pretende evitar introduzindo conhecimentos e normas, porém sem questionar os próprios códigos repressivos e, com isto, criando novas dificuldades.

O risco do reforço à repressão sexual ou do conservadorismo aparece até mesmo num estudioso e terapeuta como Freud, que revolucionou tudo quanto se sabia e se dizia sobre a sexualidade. Não somente descobriu e demonstrou, para escândalo geral, a existência da sexualidade infantil, mas ainda inverteu a principal concepção existente sobre o sexo ao afirmar que a libido (energia ou pulsão sexual presente em todas as épocas de nossa vida, desde a infância, e em nossos sentimentos mais profundos, determinando mesmo a linha de nosso destino pessoal) não é a causa de doenças e distúrbios físicos e psíquicos, mas, pelo contrário, a causa deles se encontra na repressão da libido. Em suas primeiras obras, pretendia que a psicanálise auxiliasse a descobrir as formas dessa repressão, seus efeitos e os meios de eliminar tanto as primeiras quanto os segundos. No entanto, em suas últimas obras, Freud concluía melancolicamente que a civilização depende da repressão sexual (dado o caráter agressivo e destrutivo das pulsões sexuais conflitantes) e que embora fosse necessário diminuir a ignorância e os preconceitos sexuais, não seria possível, para o bem da humanidade e para a ordem social, eliminar toda a repressão.

Essas observações preliminares foram feitas apenas com dois objetivos. Em primeiro lugar, marcar a época em que se começa a elaborar o conceito de repressão sexual e o contexto da criação de um saber sobre a sexualidade que procurou desalojar conhecimentos e práticas anteriores. Em segundo lugar, sugerir

que o novo saber sobre o sexo, saber científico e objetivo, não é necessária e automaticamente portador do fim da repressão sexual, podendo ser apenas uma variante dela.

Quando se reproduz um trabalho como este, com o intuito de transmitir um conhecimento aos adolescentes nas escolas, de sua própria sociedade, acredito ser inerente a referência a situação diferenciada do gênero feminino, que geralmente ficam menos evidenciados nas citações das questões associadas a sexualidade. A autora, por encarar os problemas do sexo feminino, também inclui excelente material que identifica tudo isto.

Uma sociedade que considera o sexo apenas sob o prisma da reprodução da espécie, ou como função biológica procriadora, serão reprimidas todas as atividades sexuais em que o sexo genital for praticado sem cumprir aquela função: masturbação ou onanismo, homossexualismo masculino e feminino (ou sodomia), sexo oral (felácio, cunilíngua), sexo anal, coito interrompido, poluição sem penetração (voyerismo).

Também são reprimidas as práticas que possam perturbar as finalidades atribuídas à procriação. É o caso, por exemplo, da transformação do adultério em crime previsto em lei, nas sociedades onde a família, juridicamente constituída, tem como função a conservação e transmissão de um patrimônio ou a produção da força de trabalho.

Embora, de direito, o crime de adultério se refira tanto a homens quanto a mulheres, a repressão social se dirige, de fato, para o adultério feminino. Tanto assim, que no Brasil, os chamados “crimes passionais em defesa da honra”, isto é, o

assassinato da esposa e do amante, mas sobretudo o da esposa, não são passíveis de punição. No caso da família de classe dominante, o adultério é punido porque nele há risco de geração de um bastardo que participará da partilha dos bens ou da gestão dos capitais; no caso da família de classe explorada, o adultério é reprimido porque há risco de gerar, para um outro, uma boca a mais a alimentar, sem que o gerador seja responsabilizado pela criança.

O cuidado na repressão desse crime é tão grande que uma parte da Medicina Legal, a Sexologia Forense, desenvolveu técnicas médico-policiais muito minuciosas para a determinação da maternidade e da paternidade reais, evitando, com tais procedimentos, que uma família tenha que se responsabilizar pelo filho ilegítimo.

No entanto, os que matam e espancam mulheres adúlteras, quando indagados dos motivos, não oferecem os que acabamos de mencionar. Se o assassinato é tido como “crime passionnal”, ato de alguém que ficou fora de si e perdeu, momentaneamente, o uso da razão, é porque os acusados assim encaram seus atos. Se analisarmos o que se passa, perceberemos um caso típico de racionalização nessa “perda da razão” momentânea. De fato, os homens afirmam que sua honra foi manchada. O que isso quer dizer?

Do lado dos homens da classe dominante, significa não só o surgimento de uma suspeita quanto à sua virilidade (e numa sociedade procriativa, como não valorizar a virilidade?), mas também o medo de perder postos de comando, de autoridade e poder. É isso a desonra. Perda de poder e de prestígio.

No caso dos homens das classes exploradas, além da questão da virilidade, mais um elemento complicador aparece. Esses homens, desprovidos de poder e

autoridade no espaço público (no trabalho e na política), são assegurados de possuí-los no espaço privado, isto é, na casa e sobre a família. A perda desse poder e dessa autoridade é sua desonra. Perdem os substitutos compensatórios para sua falta de poder.

Quanto às mulheres, que também são capazes de matar por causa do adultério (ou de se matar, se o cometerem, como Ana Karenina, de Tolstoi), na imensa maioria dos casos tendem a acomodação, pois o adultério masculino é considerado o exercício, infelizmente excessivo e abusado, de autoridade e de uma sexualidade mais exigente que a feminina. Além disso, os homens não ficam grávidos. Também a situação de dependência econômica e emocional em que são educadas as mulheres facilita a acomodação, pois a ruptura matrimonial as deixa despreparadas para uma nova vida (quantas mulheres de classe média, na qual o problema do patrimônio é menor e o dos recursos para criar uma criança também é menor, não adotam os filhos bastardos dos maridos?).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muitas vezes nos apropriamos, indevidamente, de coisas que verdadeiramente não nos pertence, porém esquecemos de nos apropriar de nosso próprio corpo, ou deixamos que outras pessoas ou códigos sociais manobrem nosso corpo, como se não fosse realmente nosso. Ao pesquisar esse valioso material referente ao desenvolvimento sexual, pertinente aos assuntos relacionados ao corpo, tenho como intuito disseminar esse conteúdo a massa universitária, onde estarei realizando minhas atividades relacionadas ao curso de educação física, mesmo sendo um assunto tão delicado. Como trabalhar esse conteúdo com adolescentes de 14 a 18 anos sempre foi um ponto crítico para mim, até mesmo porque compreendo qualquer escola como um centro de vários costumes e códigos morais de cada aluno com sua família, havendo assim muitas variações de acordo com a religião e outros valores agregados a educação desse indivíduo em seu lar.

Porém essa ponte que se caracteriza o educador entre a informação e seu receptor, vale para todos os assuntos, primordialmente os que determinam o seu surgimento, ainda que cada religião e cultura possa explicar a criação do homem de várias formas, todas elas passam pelo sexo entre indivíduos da mesma espécie e gêneros diferentes, exceto ao meu conhecimento, no que se refere a “lenda do boto” na região norte do país e a citação bíblica à virgem Maria.

E agora, José?

## REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

REICH, Wilhelm. **As Origens da Moral Sexual**. Tradução: José Fragosa Fernandes e Jorge Mendes. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Função do Orgasmo- Problemas Econômico-sexuais da energia Biológica**. Tradução: Maria da Glória Novak. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975.

\_\_\_\_\_. **Escute, Zé Ninguém!** Tradução: Maria de Fátima Bivar. Portugal: Fontes Editora LTDA, 1998.